



Adolfo Rocha

Conhecido por Miguel Torga, o poeta foi baptizado Adolfo Rocha. Só em 1934 adopta o nome literário de Miguel Torga. Miguel, de Unamuno, de Ângelo e de Cervantes. Torga, do arbusto retorcido e forte que existe nas serras de Trás-os-Montes. Ainda publicará a primeira poesia sob o nome verdadeiro mas quase renunciará a ele, a não ser como médico.

Brasil

Aos 13 anos, o jovem Adolfo parte para o Brasil, onde viverá cinco anos (1920 a 1925) com o tio. Na Quinta de Santa Cruz, no estado de Minas Gerais, cresce, faz a contabilidade da propriedade, trata dos animais, frequenta a escola no Ginásio Leopoldinense, escreve os primeiros versos e como pagamento o tio oferecer-lhe-á a possibilidade de montar-lhe um comércio no Rio de Janeiro ou financiar-lhe os estudos em Portugal. Escolhe regressar, principalmente devido a desentendimentos com a tia e com um irmão (de quem raramente fala) que lá vivia.

Coimbra

Após o regresso do Brasil, Torga vive a maior parte do tempo em Coimbra. Primeiro na República Estrela do Norte até se formar, data em que regressa a casa para exercer. Posteriormente, dará consultas em Vila Nova e Leiria, e volta em definitivo a Coimbra, onde abre o consultório e aluga casa. A relação com a cidade, e desta com ele, é ambígua, porque Torga não se submete à forma de ser coimbrã.

Diários

Desde 1932 e até 1993, Torga escreverá um *Diário* em que relata algumas das suas experiências e episódios de vida, viagens por Portugal e pelo estrangeiro, pensamentos, opiniões e acontecimentos que o marcam. Não refere opiniões sobre escritores seus contemporâneos, raramente a família surge retratada, dá outros nomes aos poucos amigos que descreve e desfoca certas conversas que *reproduz*. Uma das particularidades do *Diário* é conter poesias - que abrem e fecham cada um dos 16 volumes.

Entrevistas

Miguel Torga foi muito parco em entrevistas ao longo da vida. Achava que a obra falava por si, por muito dela ser autobiográfica, e que os entrevistadores raramente

estavam preparados para o questionar, devido ao desconhecimento da obra.

Fé

A relação do autor com a religião católica foi uma das poucas questões que nunca conseguiu resolver. Para o jovem que perdeu a fé durante a estada no seminário de Lamego - de onde exigiu aos pais sair sob ameaça de se atirar da ponte da Régua para as águas do Douro -, Deus foi sempre uma questão presente e controversa em toda a sua vida adulta. Tal como com Unamuno, que tanto admirava, a relação com o divino nunca foi assunto resolvido, tendo, no entanto, escrito dezenas de poemas em que Cristo, Deus, Virgem Maria, Santa Teresa de Ávila, entre outros, eram protagonistas. Uma das histórias que se contam desta crise de fé aconteceu ao ser operado e uma das irmãs de S. José lhe ter dado a medalha de um santo, acto que teve de Miguel Torga imediata resposta de que com Deus conversaria de igual para igual. Também, quando a irmã morreu, considerou que a sua crença na ressurreição lhe facilitava aceitar a morte com resignação, situação que em si foi violenta como se pode ler no último *Diário*, em que o autor lamenta ainda não ter tido tempo para escrever o *Sétimo Dia* de *A Criação do Mundo*.

Galafura

Entre os muitos locais que Miguel Torga gostava de visitar estava a Capela de S. Leonardo de Galafura, a que dedicou um dos seus mais belos poemas. Sobranceira ao Douro, ia até ao local a pé desde a casa em S. Martinho de Anta (20 km de distância) por campos e vales para observar a paisagem que utilizou num dos seus contos (*Maria Lionça*) e o Douro, que também foi cenário do seu romance *Vindima*.

Hospital

No Hospital de Arganil encontra-se hoje grande parte do espólio do consultório de Coimbra do escritor. Foi naquele estabelecimento que o médico deu consultas e operou durante um período financeiramente bastante complicado da vida, a convite de Fernando Valle. A amizade com Valle ficou para toda a vida e, quando Torga faleceu, aquele disse que perdera o amigo certo das horas incertas. A Beira, por via desta amizade, seria um dos seus lugares de eleição.

Iberismo

A existência de uma forte convicção iberista em Miguel Torga fez com que muitos o acusassem de ser pouco nacionalista. A questão, no entanto, resumia-se à crença de que, culturalmente, a Península devia partilhar os valores de ambos os países. Quanto a espaços geográficos, Torga é mais peremptório do que qualquer outro e repetidamente afirmou que da fronteira para cá é Portugal e que onde se sentia bem era no seu país, não existindo dúvidas de que poucos portugueses seriam tão nacionalistas como o autor na defesa dos interesses da sua pátria. A admiração pela cultura ibérica está retratada nos *Poemas Ibéricos*, na reverência a Unamuno e Cervantes e justificou quase três dezenas de viagens por Espanha, feitas ao longo da vida. A importância que deu a esta cultura comum e as posições antifranquistas fizeram com que fosse extremamente popular no país vizinho e que o Rei Juan Carlos o quisesse homenagear com uma ordem honorífica pelo que sofreu ao expor a sua opinião sobre a ditadura espanhola. Em *O Quarto Dia* de *A Criação do Mundo* o escritor descrevera a viagem feita de carro com alguns amigos a alguns países da Europa. A travessia de Espanha é minuciosamente descrita e o posicionamento contra a ditadura de Franco bem explicitado. Tais páginas valeram-lhe,

posteriormente, a admiração de muitos espanhóis, devido à coragem em publicar o seu pensamento sobre o "Caudilho", mas à data da edição, devido à exigência do embaixador Nicolas Franco (irmão do ditador) a Salazar, Torga acabou por ser interrogado pela polícia e detido.

Jorro

Desde muito jovem que Torga faz tratamentos nas várias termas do país. Levava sempre um amigo e conversavam horas a fio enquanto eram banhados pelos jorros de águas ou vapores termais.

Liberdade

A luta contra o regime salazarista foi uma constante na vida de Miguel Torga, tendo inclusive sofrido ao nível pessoal com a sua prisão no Aljube por mais de dois meses. Torga rubricou vários abaixo-assinados contra a repressão da polícia política, a falta de liberdade e a ausência dos direitos fundamentais em Portugal, lutou pela liberdade de vários detidos - entre os quais Mário Soares -, exigiu que houvesse eleições livres e ausência de censura. Muitos dos seus livros foram apreendidos pela PIDE, a vida literária acompanhada por esta força policial e a profissional dificultada pelas suas opiniões.

Médico

Para Manuel Alegre, se Torga se tivesse dedicado à psiquiatria, teria sido famoso devido à sua capacidade de entender o ser humano. Adolfo Rocha especializou-se em otorrinolaringologia e foi um dos melhores especialistas nessa área. Mas, conforme a vida literária de Miguel Torga ocupava o espaço do médico, o ofício de escritor foi-se sobrepondo, até que poucos eram os pacientes que o procuravam. Porque se, por um lado, o médico queria que o escritor tivesse tempo para no seu consultório escrever à vontade, chegou o tempo em que o escritor lamentava que o médico já não exercesse a sua profissão devido à ausência de pacientes.

Nobel

A candidatura do escritor foi proposta por três vezes ao Prémio Nobel, mas nunca o ganhou. A primeira vez que aconteceu foi um momento de grande dor para Torga porque foi colocada uma segunda candidatura sobre a mesa - a de Aquilino Ribeiro - para dividir os apoios, o que foi conseguido, tendo-se anulado uma à outra e dividido o país cultural em duas facções. A primeira proposta foi feita pelo professor Aquarone, francês, estudioso da obra.

Olivais

Após morar na Estrada da Beira por vários anos, Torga e a mulher mudam-se para este bairro de Coimbra. O percurso entre a residência e o consultório era feito de eléctrico, na carreira n.º 3, ainda hoje muitos se recordam de ver o poeta naquele transporte público, sempre de cara fechada e introspectivo. A casa onde morou até 1995 vai ser transformada (este domingo) na Casa-Museu Miguel Torga e tinha a particularidade de ficar na Praceta Fernando Pessoa, poeta a quem desde cedo Torga reconheceu um valor ímpar na literatura portuguesa, de ter um jardim que o próprio poeta cuidava e de nele existir, à entrada, uma torga (urze), da qual apanhava um pedaço ao sair de casa e que levava para o consultório.

Publicação

A edição dos seus livros foi sempre custeada pelo próprio bolso do escritor. Não que não existissem editoras interessadas na sua publicação, mas por querer ser dono e gestor da obra e, principalmente, para que os seus livros chegassem baratos ao leitor. Quase toda a obra foi impressa na Gráfica de Coimbra, do seu amigo padre Valentim Marques, enquanto a distribuição era feita pela Coimbra Editora, que muitas vezes só tinha livros em função da boa disposição do autor em disponibilizá-los para comercialização. Posteriormente, os herdeiros escolheram a editora Dom Quixote para republicar toda a obra.

"Querido leitor"

Era com estas duas palavras - "Querido leitor" - que o escritor se dirigia nas introduções dos livros que reeditava. Fáz-lo no prefácio da edição castelhana dos *Contos da Montanha*, fá-lo em *Vindima*: "Querido leitor, Vais ler um livro que eu hoje teria escrito doutra maneira"; na *Antologia Poética*: "Querido leitor, Gostaria de conversar contigo alguns momentos no pórtico desta *Antologia*"; e n'*A Criação do Mundo*: "Querido leitor, Vais ler de uma assentada..."

Revolução

O 25 de Abril de 1974 apanhou Miguel Torga em rota de colisão, dado os protagonistas da revolução, que encerrava o capítulo da ditadura salazarista e a primavera marcelista, serem militares. Para o escritor, não seriam os militares as pessoas certas para implantar a liberdade e a democracia em Portugal! Curiosamente, a saída de um seu livro poucos dias a seguir ao 25 de Abril fê-lo confessar que de um dia para o outro a sua voz deixava de ser de resistência e a dos que se faziam ouvir em Portugal já estava noutra dinâmica. Cita no seu *Diário* uma pergunta que lhe fizeram que demonstra bem a situação: "Então, não tem nada para dizer?" Tendo sempre professado um pensamento socialista, sente o dever cívico de participar em comícios do PS e fá-lo em discursos com que pretende sensibilizar os portugueses. Estará quase sempre ao lado do PS e por sua casa passam os secretários-gerais socialistas e muitos dirigentes que o escutam para superar as crises do processo político em curso.

S. Martinho de Anta

A terra natal do escritor estava a poucos quilómetros de Vila Real e a outros tantos do Douro, localizada numa região de Portugal a que cedo chamou "O Reino Maravilhoso". Fez uma conferência com este título e deu-o também ao capítulo que no livro *Portugal* descrevia Trás-os-Montes. Tendo saído ainda jovem de S. Martinho de Anta, Torga nunca deixou de lá voltar frequentemente, primeiro para exercer a profissão, depois para visitar os pais e, no fim, para viver na sua aldeia. De sua casa percorria toda a região a pé, subia a encosta até à Igreja de Nossa Senhora da Azinheira, visitava a mamoa, um vestígio arqueológico da Pré-História, ia a pé até S. Leonardo de Galafura e fazia-o muitas vezes de caçadeira na mão para fruir de um dos seus maiores prazeres, a caça. A perdiz e a narceja eram duas aves que o levavam até qualquer lado, desde Bragança até ao Alentejo, sendo que de vez em quando a sua arma se silenciava porque se distraía a escrever um verso. Quando regressava a S. Martinho de Anta levava sempre os instrumentos e dava consultas gratuitas aos moradores.

Telúrico

O adjectivo telúrico foi muito usado por Torga e também pelos críticos para o

descreverem. A sua ligação à terra, às serras e ao Marão contribuiu para que, ao quererem encontrar uma palavra que o definisse, o fizessem com esta, da qual a partir de certa altura deixou de gostar, por ser repetida.

União Europeia

O escritor nunca aceitou a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia porque acreditava que não seria benéfico para o país. No seu entender, os países mais ricos da Europa abafariam as culturas dos países menos influentes, tendo falecido sem ter aceitado esta integração. Na altura, vários dirigentes do PS deslocaram-se a casa de Torga para o convencerem de que a União Europeia era favorável a Portugal, entre os quais António Campos e Manuel Alegre. A sua relação com Mário Soares esfriou, mas no final da vida voltaram a conviver, até porque Torga considerava Mário Soares o verdadeiro chefe do partido.

Vírgula

O processo de escrita em Miguel Torga era de alguma lentidão e dificuldade. Segundo os seus amigos, o autor tirava a prosa e a poesia de dentro de si a ferros e com grande sofrimento. Para Torga, a edição de cada livro era sempre um processo moroso e duro, que obedecia a sucessivas correcções de provas até autorizar a impressão. Muitas vezes, o autor surgia na gráfica do padre Valentim com as provas na mão para efectuar mais uma alteração ao texto, nem que fosse apenas a de uma vírgula.

Xisto

As encostas do Douro cobertas de xisto eram um fascínio para Miguel Torga. Criado muito perto do rio e de uma aldeia onde os seus moradores cavavam terras xistosas e pisavam a uva colhida no mesmo tipo de formação geológica, o escritor via nessas rochas uma das principais razões para a suprema qualidade do vinho do Porto. Para Torga, esse vinho fino tinha, para além de uma grandeza que o obrigava a servir aos amigos com um grande ritual, o sofrimento de muitas gerações de trabalhadores.

Zêzere

A presença dos rios de Portugal é constante. Por exemplo no Diário, em que o rio Alva surge frequentemente, o Tejo para definir a beleza de Lisboa, o Mondego para explicar a especificidade de Coimbra ou o Zêzere para o comparar com o caudal violento do Douro.

João Céu e Silva, in dn.sapo.pt (2007/08/10)

Fonte: <http://www.netprof.pt/netprof/>
A professora: *Dina Baptista*